



Director literario:

Ana Paula Manta
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE



CONTO DE D. DINIZ

por Ana Paula Manta
Desenhos de Eduardo Malta



ERA uma vez um rei que tinha uma filha chamada Edine, que era a mais linda cara que existia na Terra.

Edine chegou à idade de casar e, então, seu pai mandou pôr editais em todas as esquinas, por todas as terras, participando que quem

fosse capaz de comer uma romã, sem deixar cair um bago, casaria com sua filha.

Foram reis, príncipes, gente de alta categoria, ver se tal conseguiriam mas nenhum foi capaz. Porém, aconteceu que um certo rei, havendo lido um dos editais, começou a exercitar-se todos os dias, comendo duas e três romãs para estar hábil quando fosse comer na presença da princesa. Chamava-se D. Diniz.

Ora quando lhe pareceu que já não hesitava em comer uma ou quantas romãs a princesa ordenasse, sem deixar cair bago algum, foi ao palácio de Edine.

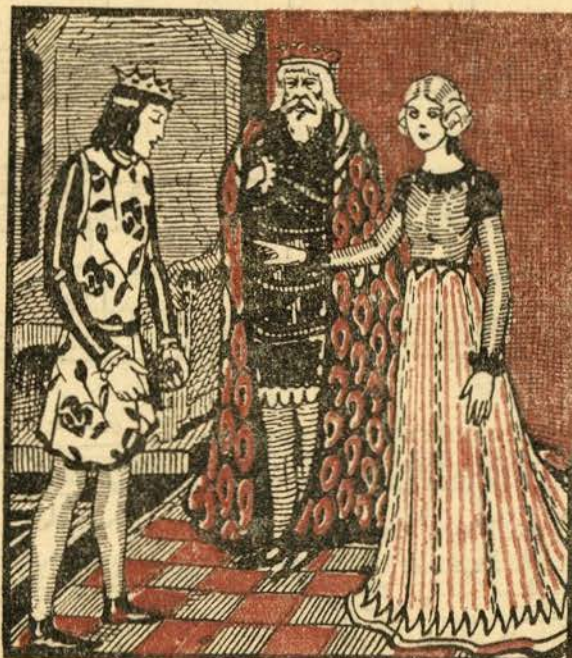
Assim que lá chegou, apresentaram-lhe uma romã numa salva de prata. D. Diniz, com todo o cuidado, partiu-a e começou a comê-la, admiravelmente mas, com pouca sorte, já quasi no fim, deixou cair um bago pequenino. Então,

Edine, toda altiva, declarou logo que não queria casar com êle. D. Diniz, furioso, jurou vingar-se e, passado tempo, vestiu-se de carvoeiro, para que ela o não reconhecesse, indo de novo ao palácio dizer que queria comer uma romã na presença da princesa. A princesa riu-se do carvoeiro e mandou que lhe trouxessem uma romã, mesmo num simples

prato, calculando que êle não, teria habilidade para isso. Mas, enfim, queria rir-se um bocadinho. O carvoeiro (que não era outro senão D. Diniz) — já muito prático em comer romãs sem deixar cair bagos, partiu a que lhe ofereceram, e, com toda a presença de espirito, comeu-a até ao fim, mais feliz desta feita, sem deixar cair um só bago. A princesa Edine pôz-se, então, a chorar. Não queria casar com o carvoeiro; mas não havia quêres, tinha que cumprir com as ordens do rei seu pai. E, no dia seguinte, casaram-se. O carvoeiro, seu marido, tinha uma pobre cabana para onde levou sua mulher a princesa Edine. Foram a pé. Pelo caminho, já cansada de andar por não estar habituada, e parando de quando em quando, suspirava baixinho:

Ai, D. Diniz, D. Diniz,
Por um só bago não te quiz!...

(Continua na pag. 8)



...deixa cair um bago pequenino...



A Casa dos Brinquedos

(Scenas da vida infantil)

Preludio

M. A. Lima Cruz

Alegremente ($\text{♩} = 100$)

Muito cantado

atrazar ligeiramente

a tempo muito expressivo

e bem marcada

diminuindo

O MENINO E A BOLA

por AUGUSTO DE SANTA-RITA

A bola
Tão bela,
A pela
Que bule,
Que bola,
Que pula,
Que salta,
Resalta,
Tão alta,
Tão alta!...



Zás...?

Trás...?



Pás...?

Faz...?

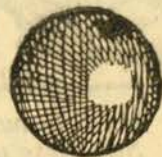
Pim!...?

Pam!...?

Pum!...?



A tola
Da bola
Sem mola,
Que rola,
Rebola,
Rebola estarola,
E abala,
Ala, que ala, que ala!...
Que salta,
Resalta,
De colo
P'ra colo,
Se bate
De embate
No solo,



DESENHOS
DE

EDUARDO MALTA

LIÇÃO DE DESENHO



Risonha



Espantada



Chorôna



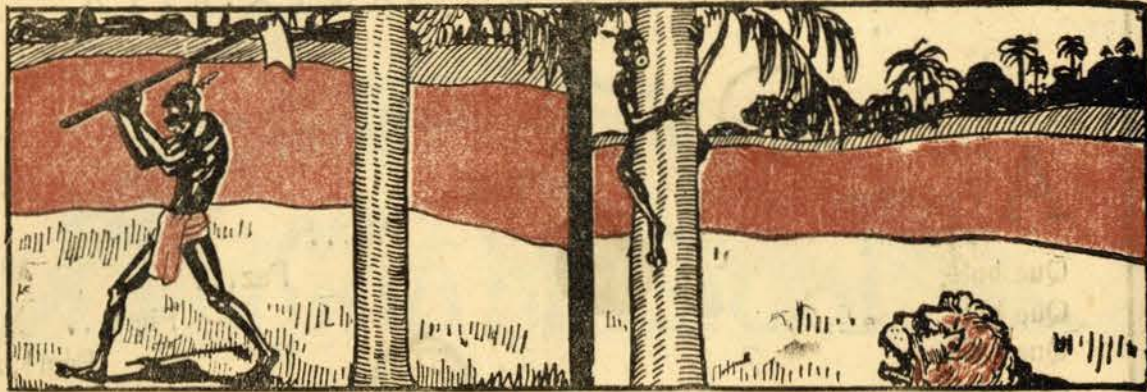
Garota



Tímida

MANEIRA FÁCIL DE DESENHAR EXPRESSÕES

JUCA ESCARUMBA E



Andava o Juca escarumba,
A sachar lá no sertão,
Quando de súbito—bumba!
Surge um enorme leão.

Então, em fuga ligeira,
O pretinho atrapalhado,
Logo sobe à bananeira,
Que estava ali a seu lado.



Um tiro, outro, outro mais,
Não fosse um deles falhar,
Põe o rei dos animais,
De barriga para o ar.

O caçador destemido,
Avança, lépido, então,
Mas o escarumba, escondido,
Finge o rugir do leão.

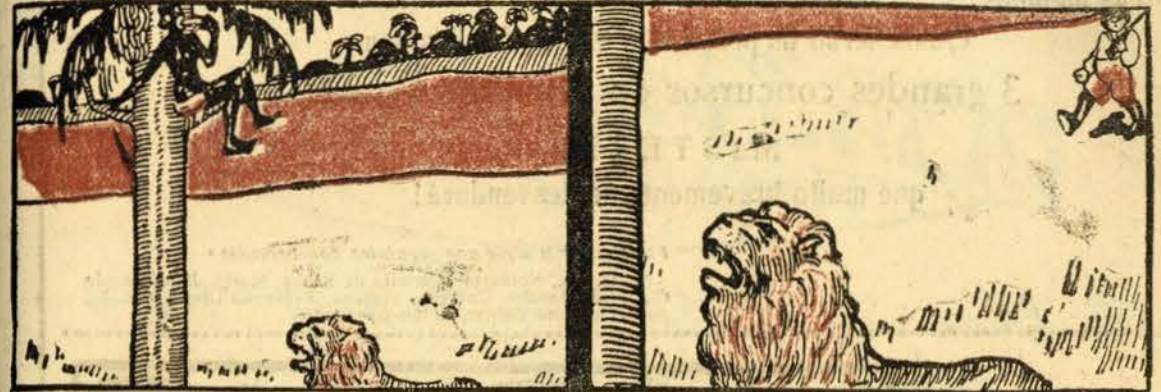


E zumba, zumba, que zumba,
Gasta toda a cartuxeira,
Enquanto o Juca escarumba,
Rugia na bananeira.

E ante um leão que não morre,
Por mais tiro disparado,
O branco, fugindo, corre,
Altamente atrapalhado.

Versos de PAPIM

CAÇADOR DE LEÕES



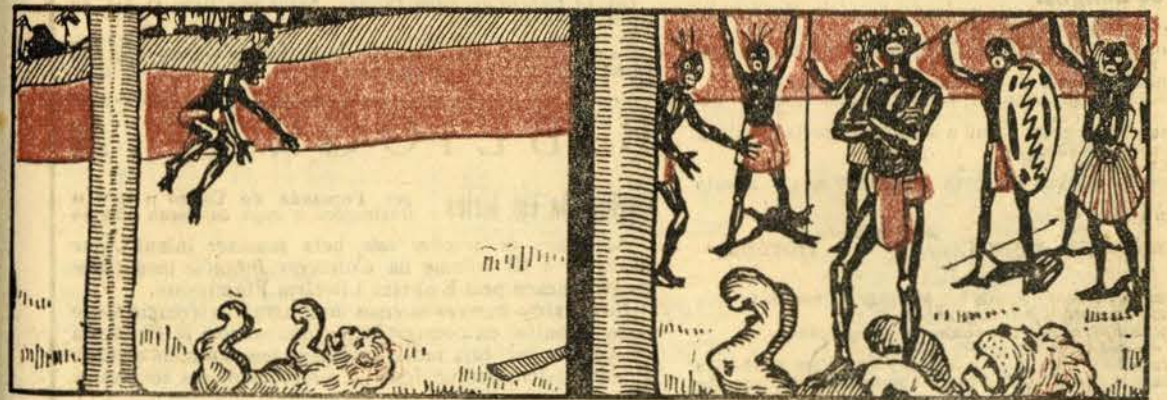
O leão feroz avança,
E põe-se a rugir com gana,
Enquanto o preto descança
A comer uma banana.

Nisto, um caçador de feras,
Bem armado, ao longe, surge...
E logo, sem mais esperas,
E porque o tempo assim urge,



E o caçador, a distancia,
Pondo outra vez a arma à cara,
Num desespero e com ancia,
Três novos tiros dispara...

Entretanto, lá do alto,
Torna a rugir o escarumba,
Deixando, num sobresalto,
O nosso branco que... zumba...



Nisto, o preto espertalhão,
Vendo negros a granel,
Cai sobre o morto leão,,
Fingindo lutar com ele.

E os pretinhos vendo, então,
O Juca:—bumba que bumba,
Sobre o vencido leão,
Aclamam Juca Escarumba!

Desenhos de PAPUSSE

Concursos do PIM-PAM-PUM!

Meus meninos:

Quais serão os premiados e classificados nos
3 grandes concursos do Pim-Pam-Pum?!

MISTÉRIO

que muito brevemente se desvendará!

Falta saber a série aos seguintes concorrentes:

A. G. B., Norberto Monteiro de Sousa, Maria Eduarda de Carvalho, Manuel Cardoso Manaca, Fernando Dias Pires, X., Amandio Pires Cabral, Filipe dos Santos

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

—O' Necas, porque estás tu tão contente?

—Porque juntei dinheiro no meu mealheiro para comprar a **Barraca de Fantoches** da Biblioteca Pim-Pam-Pum!



CORRESPONDENCIA

Meus caros amigos.

Quero hoje pedir-lhes um favor. Quando mandarem colaboração vossa, *digam-nos sempre que idade tem.* Entendido?
As engenhocas agradam ou queriam antes outra coisa?
As meninas não se impacientem, porque também não são esquecidas.
Com certeza que ninguém achou a solução d'aquela adivinha do gigante Sarapantaleão.
Mas sabem porquê?
Eu tinha posto a menina na boca do gigante, mas o maroto engultiu-a!
Por isso ela não se via!...

Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Amigo certo
TIO TÓNIO

Maria Fernanda Basto—Nunca me massam podem crer. O teu pedido foi para a Administração.
Artur Neto de Barros—O teu conto está engraçado. Veremos o que se lhe pode fazer.
Aureliana Troadó—Recebi o continho. Fiquei com a mão tão desengonçada por causa do milhão de apertos de mão, que até trago o braço ao peito...
Um trilhão de beijinhos!!!
Teresa Adelaide—Recebi a carta no dia 8. Porque não escreve directamente para mim? Não sou tão "mausinho" como diz, sou até um... beleza... de hortaliça... A historia do rei é conhecida, a outra quasi.
Lili Ferreira—Viste a adivinha?
Imagina que a gravura fez desaparecer a menina que estava na boca do gigante.

Mas não desanimes que vou fazer agora uma adivinha... mas que adivinha!! Vais ver... Já recebi as anedotas e já vi o retrato. Uma carinha tão triste... Mii beijinhos.
José Augusto C. Sena—Podes mas sem perda de tempo. O conto que venha no nome da tia Maria Emilia, que é com certeza quem o faz...
Um abraço.
António Augusto Chagas—Nunca me zango. Tem paciência e espera.
Odília Cancia da Silva Freitas—Assim não vale. O que eu queria era o de agora...
Deves ter um geniosinho...
António Cohen Sarmiento—As anedotas que nos mandou, são conhecidas. Preferimos originais.

BIBLIOGRAFIA

Mariazinha em Africa por Fernanda do Castro :: :: ::
Ilustrações e capa de Sarah Affonso

Acabamos de receber este belo romance infantil, que constitue o III volume da *Colecção Infancia* magnificamente lançada pela Empresa Literária Fluminense.

No próximo numero faremos mais ampla referencia a este novo trabalho da consagrada poetisa, senhora D. Fernanda de Castro, por cuja individualidade temos o mais elevado apreço, motivo porque desde já o recomendamos aos nossos pequeninos leitores.

São doze os capitulos deste livro, muito educativo e interessante, respectivamente intitulados: — A partida — A viagem — Terras de Africa — A festa dos mandingas — O Tornado — Um passeio no mato — A caçada — O jardim zoológico de Mariazinha — Em Buba — O príncipe Mamadú — A febre amarela — O regresso.

HORA DO RECREIO

UM CAVALO DE CANA



AVISO - Cuidado com ele porque dá coices...

E' provavel que alguns sobrinhos já conheçam esta grande construção.

Em todo o caso aqui fica, para os que não a conhecem.

MATERIAIS

- Uma cana verde, grande.
- Um gancho de cabelo.
- Um cordel ou nastro.

Os arieos pintam-se com tinta preta e no sitio da boca faz-se um furo, que atravessa de lado a lado.

A parte comprida da cana, pelo lado mais grosso é espetada no buraco indicada por uma letra (letra D) de forma a que fique bem apertado.

Mete-se o gancho que faz de freio (fig. 2) no buraquinho da boca, fazendo as dobras indicadas e ata-se-lhe o cordel ou nastro como se fossem rédeas.

Para fingir as crinas, empreguem papel franjado que me-

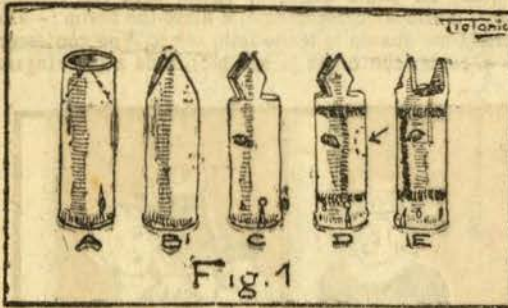


Fig. 1

MANEIRA DE CONSTRUIR

Corta-se a parte mais grossa da cana, para a cabeça do cavalo na maneira indicada na fig. 1 (A, B, C, D e E.)



freio
maneira
de dobrar
Fig. 2

tem numa fenda da cana comprida, na parte superior, perto da cabeça e entre as orelhas do "cavalo".

TIOTÔNIO

Adivinhas

1

Meninos, quem adivinha?...
Mostrem lá que não são tansos;
Tem apenas tronco e pinha,
Uns são bravos, outros mansos.

2

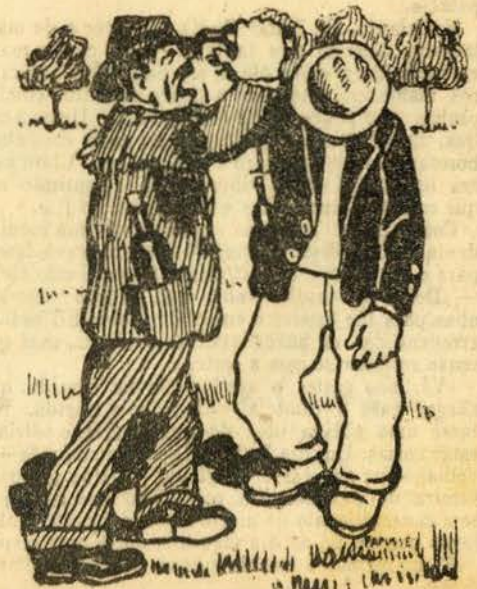
Logo depois de lambê-lo,
Dá-lhe sócos muita gente;
Mesmo que não queira sê-lo...
Sê-lo-ha forçosamente.

Decifração das anteriores:

- 1 - Caneta.
- 2 - Borracha.

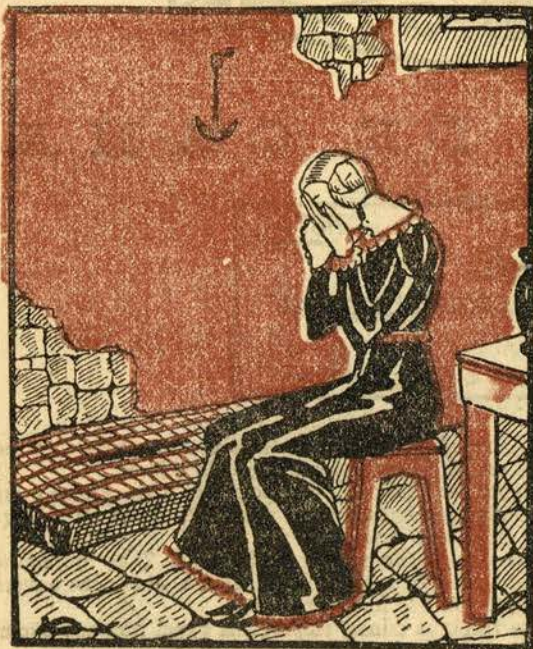
Meus meninos:

Este homem-zinho da direita está tão torto pelo vinho, que nem ousa mostrar a cara. Vejam os meninos se conseguem vê-la.



Continuação do CONTO DE D. DINIZ

O marido, então, perguntava-lhe: — «que dizes tu?! Estás cansada?! Ora deixa, que, em chegando lá ao mato, esses sapatinhos de setim, acabam logo.



... Pobre Edine!...

Ela continuava suspirando e repetia:

Ai, D. Diniz, D. Diniz,
Por um só bago não te quiz!...

Mal pensava ela que tinha casado com êle; com êle que queria vingar-se por ela o ter repellido.

Chegaram, finalmente, à cabana, onde só havia uma pobre enxérga de palha, uma candeia de azeite, uma mesa pequena e dois bancos de pau.

Edine, a linda princesa, ao ver-se em tal miséria, mais chorava ainda, lembrando-se do seu palácio, das comodidades que la tinha e, finalmente, de D. Diniz que sempre era um rei e lhe daria as mesmas regalias que tivera no seu palácio.

Entretanto, D. Diniz fingia nada ver e de manhã levantava-se, dizendo que ia fazer carvão para o mato mas, em verdade, para onde êle ia era para o seu palácio comer ricos manjares, enquanto a pobre da Edine comia umas sopinhas com pouco azeite e mais nada. Umas vezes por outras, mandavam do palácio do rei umas coisinhas mais saborosas para o carvoeiro e sua mulher. Claro está que isto era lembrança de D. Diniz que já ia sentindo remorsos do que estava fazendo. Mas queria ir até ao fim.

Como Edine houvesse encomendado um menino que não devia tardar, disse ao marido que precisava fazer roupinha para o seu filho e que não tinha pano. Então êle respondeu: — «Deixa lá, mulhersinha, que eu logo trago umas saquinhas para lhe fazeres o enxoval.» Pobre Edine!... Chorava, arrependida de haver repellido D. Diniz, mas que remedio senão resignar-se com a sorte.

«Vê, não gastes o azeite todo na comida, que tem que chegar para a candeia!» dizia-lhe o marido. Não se pode fazer uma pálida idéa de quanto Edine sofria com todas estas coisas. Um dia D. Diniz pediu a sua mãe — (a Rainha velha)—que mandasse perguntar a Edine se queria ser costureira do palácio. Ela respondeu que nada podia dizer, sem consentimento do marido que só à noite vinha do mato, razão porque, só no dia seguinte, daria uma resposta.

A! noite, mal o marido entrou, pôs-se a contar-lhe, o que

êle já sabia, o recado vindo do palácio. O carvoeiro disse-lhe que aceitasse, que fôsse, e, quando se encontrasse sôzinha, roubasse bocados de coisas para a roupinha do futuro filho. Que grande martírio, que sofrimento o da pobre Edine! Ela, roubar?!... Que horror!... Mas não tinha nada com que fazer os cueirinhos, as toucazinhas, os babetes e outras coisas necessárias. Não teria outro remédio senão cumprir com o que o marido lhe dizia. Foi, e, quando se encontrou só, escondeu bordados, paninhos, linhos, enfim, o que pode apanhar. A! noite quando vinha para casa a rainha quiz revistá-la para ver se a nova costureira era fiel. Já, por certo, adivinharam, os meus meninos, que foi a mandado do filho, o qual havia falado com a mãe uns dias antes de ela para lá ir, havendo os dois projectado uma agradável surpresa para êla e para ele que já se encontrava deveras arrependido da vingança que estava praticando.

No momento em que a rainha a revistava, Edine tremia, protestava que era fiel, que escusava de a revistar, mas de nada lhe serviram os protestos, dando a rainha, em certo momento, com o que ela tinha escondido. Edine, de joelhos e chorando muito, implorava perdão e pedia que a não castigassem porque ela contaria porque roubava tudo aquilo. Então a rainha, com bons modos e muito meigamente, respondeu-lhe: — «Vamos... eu sei tudo, levante-se e venha comigo...» Levou-a para um quarto luxuosamente mobilado, onde se encontravam duas aias que começaram logo a mudar o vestido de Edine por um de rainha, que era riquíssimo. Edine, como interdita, olhava para tudo e tudo deixava fazer. Quando já estava pronta, eis que aparece D. Diniz com o mesmo traje com que tinha ido ao palácio dela, pela primeira vez, comer a romã. Edine, que logo o reconheceu, julgava estar num paraíso, que tudo aquilo era um sonho encantador! D. Diniz avançou, então, para ela, pegou-lhe nas mãos, muito afectuosamente, e disse-lhe assim: — «Edine, perdôa-me quanto te tenho feito sofrer! Vou confessar-te tudo.» E contou-lhe o que já sabemos, toda a sua vingança.



..., os dois abraçados...

Era digno de ver-se: — os dois abraçados, perdoando-se um ao outro; houve grandes festas no palácio, música, foguetes, bailes e muitas outras folias.

Agora, Edine e D. Diniz eram, finalmente, felizes!

F I M